



RELAMI

Rede Ecumênica
Latino-Americana de Missiolog@s

CAUSA INDÍGENA E FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2003¹

de Paulo Suess

1. Lógica de acumulação

A lógica do capitalismo é a lógica de acumulação. Acumulação significa: tudo o que se produz é para poucos, distribuído numa rede de privilégios, prestígio e poder. O regime de acumulação subordina todos os projetos populares e os projetos indígenas a esta lógica. A lógica de acumulação, portanto, é uma lógica de subordinação, de exclusão e de eliminação (massacres). É a lógica dos "acumuladores", do latifúndio. O projeto popular e os projetos dos povos indígenas estão cercados por **quatro latifúndios**:

- pelo latifúndio da **terra**,
- pelo latifúndio do **capital financeiro**,
- pelo latifúndio dos **meios de comunicação**,
- pelo latifúndio do **saber** (20 milhões de analfabetos).

A lógica da acumulação, como lógica da subordinação, subordina (e suborna) a política e a polícia, a cultura e a religião.

2. Religião civil americana

Como funciona esta subordinação neoliberal no campo da religião?

A providência divina, neste mundo desencantado e secularizado, escolhe seus instrumentos, que são os vencedores no campo material (os que conseguiram acumular). A acumulação acompanha o sentimento triunfal de uma **escolha providencial** que o indivíduo ou a Nação assumem. Neste momento histórico, o poder hegemônico, os Estados Unidos, vestem esta camisa da escolha providencial, através de uma espécie de "religião civil americana" que garante uma escolha de Deus e uma missão providencial. Nesta base funciona a parceria entre Estados Unidos e Israel, funciona a guerra no Iraque, no Afeganistão, em qualquer parte do mundo. Como se trata de uma "guerra santa", cujos heróis são ungidos, não com o óleo de crisma, mas com o petróleo, esta guerra não é só uma guerra de defesa. É uma guerra apocalíptica, antecipatória da vitória final. Na perspectiva desta lógica, Bush declara a guerra preventiva contra inimigos que sempre estão perto das fontes do petróleo.

Os crentes desta "religião civil" se compreendem encarregados pela divina providência para trazer ao resto da humanidade um determinado modelo civilizatório que corresponde ao plano de Deus. Dois eixos caracterizam a "religião civil americana": a democracia liberal e *the american way of life*.

No Oriente Médio, são os Estados Unidos e Israel que agem como os executivos deste plano de Deus. Israel, o antigo "povo escolhido por Deus" e os Estados Unidos, o "novo povo escolhido por Deus", se apresentam como os protagonistas da luta do bem contra o mal: Bush e Sharom contra Jasser Arafat e Saddam Hussein. Os fundamentalistas da "religião civil" têm uma visão dicotômica do mundo. A esquerda e o cristianismo têm uma visão dialética da história e do mundo: o trigo se encontra no meio de joio.

A "religião civil americana", com seus códigos religiosos secularizados de **eleição** e **predestinação**, se tornou a ideologia de "guerra santa" para manter a hegemonia, para a conquista do petróleo, para expulsar o povo da Palestina de sua terra e para dominar o

1 Texto apresentado no FSM, Porto Alegre, na Oficina "Terra, território e autonomia indígena", no dia 24.1.2003.

mundo. A hegemonia, com sua visão imperialista do mundo, é o monopólio do poder, esse monopólio que dizem não aceitar na economia, onde pregam e simulam a "livre concorrência".

3. Micro-estrutura dos territórios indígenas

O que está acontecendo na macro-estrutura, se repete na micro-estrutura dos territórios indígenas. A luta antiimperialista está presente na guerra contra Afeganistão e contra o povo da Palestina, contra o MST e no massacre de Carajás; está presente na perseguição dos povos indígenas e nas lutas dos Zapatistas em Chiapas, nas ruas de Argentina e da Venezuela.

A lógica da acumulação cria vítimas, excluídos e massacres, como os assassinatos só deste mês de janeiro mostram:

- Marcos Veron, cacique guarani-kaiová com 72 anos, que morreu 13 de janeiro, espancado em confronto com peões na fazenda Brasília Sul, município de Juti (MS);
- Leopoldo Crespo, Kaingang de 77 anos, morto a chutes por três rapazes em Miraguai (RS), quando estava dormindo em uma calçada, depois de um dia andando para buscar a sua aposentadoria;
- Aldo da Silva Mota, Makuxi com 52 anos, assassinado por dois tiros, e cujo corpo foi encontrado, dia 2 de janeiro, a poucos metros de uma fazenda cujo dono é inimigo tradicional dos makuxi, em Roraima.

Na lógica do capitalismo, nesta lógica da acumulação, com sua agravante neoliberal, não existe um lugar para os povos indígenas, a não ser, como produtores para o mercado concorrencial.

4. Porque viemos a Porto Alegre?

Vimos a Porto Alegre, não para propor melhorias do sistema capitalista, numa perspectiva reformista, social-democrata e neokeynesiana (mercado social) que aceita a lógica capitalista em si. Estas melhorias, essas medidas compensatórias, prometidas por 10 anos, fracassaram. O antigo economista chefe do Banco Mundial, Joseph Stiglitz, admite o fracasso de tudo aquilo que ele antes defendeu (cf. o dito de FHC: "esqueçam o que escrevi antes!"). Num livro que ele publicou há poucos meses, com o título significativo "A grande desilusão" propõe um novo consenso "pós-Washington". E o especulador-mor do capital financeiro, em nível mundial, George Soros, lançou um livro, com um *mea culpa* a meio caminho, "A crise do capitalismo mundial – O integrismo dos mercados", onde ele propõe "salvar o capitalismo do neoliberalismo".

Hoje, o Banco Mundial procura cooptar as ONGs e as Igrejas com um discurso de "luta contra a pobreza", mas, é claro, sempre no interior do capitalismo. Por isso, propõe – com medidas compensatórias - melhorias, correções – cestas básicas do capitalismo - e um controle moderado pelo Estado. Para a supressão do direito, para o roubo da terra, para a desterritorialização, para o roubo do futuro e da palavra não existem medidas compensatórias. Poderia-se resumir essa estratégia das "medidas compensatórias": "mudar para continuar". Assistimos um enquadramento sistêmico dos "rebeldes" e da rebeldia social pelos aparelhos privados de hegemonia que atuam, por exemplo, através das grandes ONGs na América Latina.

O apelo a "medidas compensatórias" (mini-cestas básicas para a população arrasada de Afeganistão), diante da crise do capitalismo, é a variante *soft*, geralmente articulada com a variante *hard* que é a exploração crescente da classe operária e dos pequenos produtores, e a guerra. Neste momento de crise do capital, Bush apela – como muitos antes dele já fizeram - à guerra. A guerra era, no passado, o grande animador da economia mundial (inovação tecnológica!, reconstrução daquilo que foi destruído).

Nós viemos a Porto Alegre não para mudar o visual do capitalismo. Viemos a Porto Alegre para dizer que o desaparecimento do mundo bipolar, com a queda do Muro de Berlim (1989) e o desaparecimento da antiga União Soviética não é o fim da história, nem o fim do socialismo.

Vimos a Porto Alegre para dizer, o capitalismo não é o fim da história, mas uma parêntese. Nós do movimento de apoio aos povos indígenas, viemos a Porto Alegre para procurar aliados. Aliados, não parceiros. Parceria se faz até com o diabo. Parceria visa o

próprio lucro. Parcerias utilizam o outro para estabelecer o próprio projeto. Por isso, cuidado com parcerias! Para o projeto popular e para os povos indígenas, a burguesia não vai além de uma parceria utilitarista. Procurar aliados significa procurar estabelecer alianças no interior do projeto popular-indígena. Os aliados potenciais são todos aqueles que rejeitam a lógica da acumulação.

Por isso faço também às Igrejas essa pergunta: Vocês são parceiros ou aliados dos povos indígenas? Vocês estão dispostas a fechar esse parêntese do capitalismo, com todo seu irracionalismo anti-evangélico e suas contradições ou estão contentos de estabelecer - no meio da vida alienada, da desigualdade e da acumulação - ilhas de uma vida boa, novas reduções espirituais e casas de caridade, no meio do mundo em chamas? Essa pergunta aponta aos mais diferentes setores que convivem hoje no interior das Igrejas. A contradição do capitalismo está também presente na casa de Deus. Cada ação do sistema capitalista produz uma contradição não só no interior do movimento popular, mas também no interior das Igrejas.

Vimos a Porto Alegre para dizer a todos que afirmam, como a senhora Thatcher insinuou, "uma alternativa não existe", viemos para dizer: uma, não, mas muitas alternativas existem e os povos indígenas fazem parte deste outro mundo das alternativa que é possível:

- pela visão da terra que têm, não visando lucro, mas a festa
- pela visão da vida, não acumulação: o que tem valor: papagaio na casa em chamas
- pela visão do outro, não é cliente, nem concorrente, mas irmão e irmã,
- pela visão da natureza, que é irmã.

5. Uma outra visão da terra

A terra representa o núcleo de um outro modelo de vida. O movimento indígena e tudo o que acontece na aldeia tem uma plus-valia pedagógica. Se a "retomada do sistema educacional" pelos povos indígenas significa assumir a escola para construir uma sociedade que não produz menores abandonados nem drogados, a retomada das terras indígenas - além de ser uma vitória contra o latifúndio e a reparação de uma injustiça - é um projeto pedagógico que mostra como "produzir para viver" em vez de "viver para produzir". Em plena euforia de desterritorialização do capital, vivemos uma reterritorialização emergente e real a partir das retomadas das terras indígenas. Algo semelhante acontece com o movimento dos sem-terra que representa a memória histórica da reforma agrária negada. Num momento que relativiza a territorialidade pela virtualidade sem solidariedade, o movimento popular retoma territórios geográficos, ideológicos e imaginários e encrava seu logotipo "um mundo para todos" nas agendas políticas.

Os povos indígenas rompem, ciclicamente, o círculo de giz da normalidade do absurdo. As retomadas de terra são saídas das molduras com as quais os governantes colocaram os povos indígenas na parede para comemorar seu passado e negar seu futuro. O pulo das molduras do imaginário oficial à realidade histórica caracteriza a passagem da tutela à autodeterminação. Saídas *do* mundo-mercado globalizado ou, no caso de muitos povos indígenas, a não-entrada nesse mundo, visam uma espécie de *exterioridade* ao sistema hegemônico. Essa exterioridade aponta para transformações radicais que resgatam a dimensão universal inerente a cada causa particular. Aponta para a universalidade como participação de todos em contrapartida à globalização excludente.

Os povos indígenas vivem o que a física quântica nos mostrou, recentemente. A vida é um monte de padrões de probabilidades de conexões e relações. Essas probabilidades e possibilidades não são probabilidades de coisas e, sim, são possibilidade de conexões e relações. Uma partícula é, essencialmente, um conjunto de relações que se estendem para se conectarem com outras partículas que são também conexões. A natureza essencial da matéria (da terra) não está nos objetos e na sua materialidade, mas nas relações de sua subjetividade material.

6. Sonho, rebeldia, rito de iniciação

Num sonho apareceram Kant, Freud e Marx, numa fila diante da porta do céu, disputando sobre a possibilidade se Deus existe atrás daquela porta. Não conseguiram

um consenso. Kant achou que Deus é uma instância ética superior; Freud achava que Deus é resultado de uma projeção, causando neuroses, e Marx qualificou Deus como o dono do ópio, porque a religião seria o ópio do povo. Na frente dos três se encontrava a sua ex-empregada Maria. Chamaram a empregada e perguntaram a ela sobre a possibilidade de Deus existir ou não. A empregada retrucou: "Tem nome?" Disseram que sim. "Se tem nome, então existe", respondeu a Maria.

Estamos aqui, como num rito de iniciação numa aldeia indígena. Neste rito, a criança recebe um nome. O pajé dos Guarani recebe o nome da criança num sonho. Estamos aqui para dar o nome ao "outro mundo que é possível" e assim afirmar a sua existência. Sonhamos com muitos nomes, nesta noite do neoliberalismo. Alguns destes nomes são "paz", "aliança", "solidariedade", "resistência", "articulação" e "esperança". Estamos aqui para continuar a marcha com novas inspirações. As marchas para Porto Seguro e Porto Alegre foram ensaios para a marcha maior contra o império, um gigante com pés de barro.

Porto Alegre, 24.1.2003